



Editorial

O perfil dos caras da música regional

Estamos de volta e embalados ao som da música regional. Neste Em Foco Especial os estudantes de jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) exercitaram um texto jornalístico gostoso de ler, com enfoque no ser humano: o perfil. Este tipo de reportagem tem a intenção de revelar deta-

lhes da vida de personagens ao público, sejam elas célebres ou comuns pessoas, mas que tenham relevância à sociedade. Acompanham os perfis letras compostas pelos

artistas ou interpretadas por eles. Quem der o play na leitura do Em Foco vai se envolver na poesia e música de nossos artistas. Ao todo 22 homens e mulheres foram perfilados e representam um pedacinho de nossas várias gerações de prata da casa, dos roqueiros aos violeiros. Pessoas que de poesia e notas musicais constróem um celeiro de diferenças e semelhanças, inspirados nas belezas pantaneiras ou nas vias largas da Capital Morena.

Seja no jeito de ser do povo de nossa terra, ou nas inconsciências das culturas que formaram suas histórias, os artistas regionais de Mato Grosso do Sul teceram com capricho a música que conquistou cada geração de MS. Nossos pais rodopiaram no salão ao som de Délio e Delinha (ainda rodopiam), os trintões assistiram a shows inesquecíveis do Bando do Velho Jack (ainda assistem), e hoje a moçada pula no palco descontrolada para cantar junto com Maíra da

banda Dimitri Pellz. Por isso este Em Foco é para todos os tipos de leitores, que devem encarar este grupo de perfis como uma das infinitas listas de música que podem ser queimadas juntas em um CD, ou baixadas no seu player, quem sabe para os mais nostálgicos, gravadas em uma fita cassete. A música regional de Mato Grosso do Sul é assim, como só a música permite, anárquica, sem ordem ou desordem. Depende do seu gosto, é só fazer seu *playlist*, nas próximas páginas está o nosso.

Marcelinho e a profecia do vovô Poty

Ana Maria Assis

Tocar violão, 11 anos. Na mesma idade em que se mudou do Rio de Janeiro, cidade natal, para Guia Lopes da Laguna, em Mato Grosso do Sul, onde anos depois se tornaria uma referência em música instrumental e regional. Marcelo Loureiro, o instrumentista que, mesmo carioca, vive de fazer música regional de qualidade para Mato Grosso do Sul.

A mãe Maria Helena Loureiro conta que o filho, sempre quietinho, assistia às reuniões de amigos que costumava fazer em sua casa. Quando havia música, lá estava Marcelinho, sentado escutando, prestando atenção. “Por ele ser reservado e tímido, quando o via ouvindo as músicas e a gritaria

dos meus amigos lá em casa não imaginava que teria esse dom”, afirma a mãe, que só tem qualidades a dizer do filho, mesmo em duas horas de conversa.

Quando ainda estava no Rio de Janeiro, até os 11 anos, Marcelo ouvia o violão dos amigos de sua mãe, que eram naturais de Mato Grosso. Nas férias visitava seu avô, que morava em Guia Lopes, e lá também ouvia música regional e respirava cultura, era o primeiro neto homem, o avô redobrava atenções e o aconselhava, influenciando no seu gosto musical e nos seus sonhos de menino.

Orgulho para o avô Poty Loureiro, que também tocava violão, Marcelo ministrava aulas aos 13 anos, em Jardim. Seu avô Poty teve derrame, ficou paraplégico, não mais tocou. Foi como se o neto tivesse ainda conquistado mais inspiração com o acontecido. Maria Helena conta que nessa época, era Marcelo quem alegrava seu pai, tocando as músicas que ele já não podia tocar.

O avô, que deu o primeiro violão do neto, que ensi-

nava músicas, que mergulhou na vida de Marcelo desde menino para mostrar a ele a paixão que o acompanha até hoje, e que, mesmo depois do derrame, assoviava para acompanhar o neto, faleceu quando o instrumentista tinha 14 anos. “Marcelo ficou uns dois anos quieto, traumatizado, não aceitou a morte do avô, se afastou de tudo e mergulhou na música”, explica sua mãe Maria Helena.

Sua primeira música gravada foi Mercedita, no CD Pantanal em 2000. Apesar de Mercedita ser uma música consagrada no Estado e reconhecida nas mãos de Marcelo Loureiro, uma música que marcou sua paixão que virou profissão chama-se La Cunparsita. Graças a essa música ganhou o primeiro violão do avô Poty, violão que está guardado como relíquia até hoje, assim como os bons amigos.

Mesmo depois de anos morando em Campo Grande, tendo uma vida profissional exigente, Marcelo Loureiro mantém as amizades de infância. Quando vai a Guia Lopes

não esquece de visitar os velhos amigos. Fiel, reservado, comportamento tão peculiar quanto seu dom. Talvez por



Foto: Alexis Prappas

Despertar - Loureiro se encantava com as rodas de violão nas festas de família e as músicas que seu avô tocava no violão



EXPEDIENTE

Em Foco – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano VIII - nº 116 – Fevereiro de 2009 - Tiragem 3.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pe. Lauro Takaki Shinohara
Reitor: Pe. José Marioni
Pró-reitoria de Ensino e Desenvolvimento: Conceição Aparecida Butera
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Hemerson Pistori
Pró-reitoria Extensão e Assuntos Comunitários: Luciane Pinho de Almeida
Pró-reitoria de Pastoral: Pe. Pedro Pereira Borges
Pró-reitoria de Administração: Ir. Raffaele Lochi.

Coordenador do curso de Jornalismo: Jacir Alfonso Zanatta
Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158 e Inara Silva DRT-MS 83

Revisão: Cristina Ramos, Oswaldo Ribeiro e Inara Silva.

Edição: Cristina Ramos, Inara Silva e Jacir Alfonso Zanatta

Repórteres: Ana Maria Assis, Bruna Lucianer, Camila Cruz, Cláudia Basso, Ederson Almeida, Edilene Borges, Evelyn Abelha, Helton Verão, José Luiz Alves, Júlia de Miranda, Juliana Gonçalves, Kleber Gutierrez, Luciana Brazil, Magina Melo, Naiane Mesquita, Pedro Martinez, Priscilla Peres, Rogério Valdez, Sarah Isernhagen, Tatiana Gimenes, Victor Barone e Wanessa Derzi.

Projeto Gráfico e tratamento de imagens: Designer - Maria Helena Benites

Diagramação: Designer - Maria Helena Benites

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande – MS. Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel:(067) 3312-3735

Em Foco on-line:
www.jornalemfoco.com.br

Home Page universidade:
www.ucdb.br

E-mail:
emfoco@ucdb.br
emfoco.online@yahoo.com.br

* Este jornal foi produzido sob as antigas regras da ortografia.

Um dos maiores astros regionais de MS, Delio vive uma vida tranquila na Capital, sem esquecer da música

Meigo e inteiro feito de amor

Evellyn Abelha

“Minha visita é minha família”, a frase dita já no fim da entrevista não foi uma surpresa. José Pompeu, nome de batismo de Delio, desde o início da conversa mostrou-se uma pessoa intensamente acolhedora. Músico por natureza, não se recorda ao certo quando começou a cantar ou tocar, lembra-se que já na infância cantava, tocava violão e cavaquinho só de ‘orelhada’ como ele próprio define. Nascido em Vista Alegre, distrito de Maracaju, viveu dias de dor e alegria para compor a letra que embala seus 83 anos de vida.

Antes mesmo de tomar a música como profissão, Delio ainda tem outro ofício, que aliás tem muito orgulho de dizer. “Eu tenho uma profissão que eu adoro, eu sou afiadador de ferramentas”. Hoje devido a um problema de visão não trabalha tanto quanto antes, mas afirma que já afiou um alicate para ninguém botar defeito. E foi afiando ferramentas que conseguiu manter-se até que a música lhe rendesse algum lucro.

Sua trajetória musical começou quando conheceu

Delinha, com quem foi casado durante 20 anos. Primos em primeiro grau, no mesmo ano em que se casaram foram para São Paulo tentar a sorte e a tentativa deu certo. Com apenas cinco dias na cidade já estavam cantando na rádio Bandeirantes, mas nem tudo foi tão fácil. Até se estabilizarem, Delio conta que eles moraram de aluguel em um ‘porãozinho nojento’ e andavam em uma ‘baga velha e serena’. Foi nesse período que aconteceu um dos fatos mais marcantes de sua vida, quando uma dupla sertaneja muito famosa da época gravou um filme e usou uma de suas músicas como trilha sonora. Suas composições tornaram-se conhecidas, a maioria gravada no estilo rasqueado e admiradas pelo seu conteúdo.

“Conversando com um professor doutor, ele viu uma letra do meu pai, um trecho que fala: essa corda plangente. Aí ele falou: plangente, de onde seu pai tirou essa palavra?”, conta João Paulo Pompeu, um dos três filhos de Delio. Para João a maior qualidade de seu pai é ser compositor, já que ele estudou somente o primeiro ano do pri-

mário, acredita que o fato é obra divina. Delio também crê que isso seja um dom de Deus, batizado na igreja evangélica é um homem de fé. Já Delinha o define como uma boa pessoa, honesto e ‘quando é amigo, é amigo’, mesmo depois do divórcio afirma que mantém uma relação amigável. Prova disso são os 51 anos de dupla.

Levando a vida com bom-humor peculiar, ao falar de sua personalidade diz ser convencido, caridoso e um pouco bravo, defeito que procura superar. Atualmente Delio mora no bairro José Abraão e conta ser popular entre os vizinhos, “Sou o bom vizinho, gosto de ser, a vizinhança aqui me adora e a mulher às vezes fica até com uma coceirinha na canela porque todo mundo me beija, me abraça e eu agrado todo mundo”.

Há alguns anos sofreu com um câncer no pulmão, mas se curou, e hoje pode dançar, uma das coisas que gosta de fazer. Além disso, é vaidoso, aprecia uma boa produção, frutos de seu perfeccionismo. Adora tomar um cafezinho, em sua mesa sempre tem uma garrafa de café quente, pronta a acompanhar uma conversa com essa figura da música sul-mato-grossense.

Foto: arquivo pessoal João Paulo



Carreira - Dos 83 anos de vida, 51 deles foram passados em cima do palco, encantando



Foto: arquivo pessoal João Paulo



Próximos - Mesmo após a separação conjugal, Delio e Delinha mantiveram a parceria na música regional

Foto: arquivo pessoal João Paulo



Menina - Com mais de três décadas de carreira, Delinha mantém a energia de sua juventude

Ela é a chama ardente do calor

Naiane Mesquita

“Oh jardineira porque estás tão triste, mas o que foi que te aconteceu?” Foi assim, ainda na infância que Delamira Gonçalves, conhecida apenas como Delinha, começou a cantar. Sempre com um jeito simples, ela conseguiu construir uma das mais

talentosas carreiras sul-mato-grossenses no final da década de 50, em companhia do seu primo e esposo José Pompeu, o Delio.

Na época, São Paulo era o destino dos principais artistas do Brasil, portanto, em 1958 logo após o casamento, a dupla vai para a capital paulista à procura do

sucesso. Apesar da saudade que motivaria a volta a Campo Grande nos anos 60, Delinha afirma que gostava de morar em São Paulo. “Eu gostei de São Paulo, porque eu gosto de ser assim muito individual, lá ninguém tomava conta da vida de ninguém, então você não tinha amigos, mas também nin-

guém tomava conta da sua vida”.

Com um estilo pantaneiro, que envolvia desde a polca paraguaia, a guarania e o rasqueado, Delio e Delinha gravaram seu primeiro disco em 1959, levando-os rapidamente ao primeiro LP. A influência nas composições vêm de berço. “A gente ouvia muito, meu pai que cantava muito”, conta Delinha.

“Nosso amor é comparado com o sol e com a lua. Quando eu chego você sai a distancia continua”. A frase anterior foi retirada da música “O sol e a Lua” do disco homônimo e logo após a separação conjugal da dupla. “Foi uma carreira, se fosse pra mim começar tudo de novo eu não começaria, porque foi muito difícil, pobre, graças a Deus logo deu um sucesso, tudo, mas ganhar dinheiro mesmo que é bom, só pra ir sobrevivendo”, afirma Delinha.

O único filho do casal, João Paulo segue os passos dos pais e afirma que apesar da carreira Delinha sempre procurou ser presente. “A minha mãe foi pra mim meu pai e minha mãe. Se você acha que ela canta bem, ela cozinha mil vezes melhor. Ela é uma pessoa muito assim autêntica, o que ela acha ela fala”, afirma João Paulo. O ex-marido Delio conta que apesar de mandona, Delinha sempre foi boa cozinheira e batalhadora.

“Eu ensinei ela a tocar violão, com um mês que eu tava ensinando ela já tava tocando na rádio. Ela tinha muita vocação, muito boa vontade. Então ela é uma

mulher trabalhadora, muito dedicada com as coisas dela, o relicário nosso tá tudo com ela, troféu, disco, tudo”, afirma Délio.

Foto: arquivo pessoal João Paulo



Pop - Delinha fez carreira em SP, no final da década de 50

Despertar da arte na infância

Miska: Missionária da arte

Ederson Almeida

Cantora, artista plástica e apresentadora de TV, Emilce Thomé Gomes, artisticamente conhecida como Miska nasceu em Campo Grande, em 1958, é casada, mãe de quatro filhos do primeiro casamento. Formou-se em Comunicação Visual, na PUC-RJ e atualmente trabalha como locutora e apresentadora da TVE - Regional de Mato Grosso do Sul.

Já em sua infância tinha como certa sua atuação no campo das artes mesmo que esta idéia a princípio não agradasse a opinião de seu pai. “Enquanto ele fosse vivo eu não seria uma artista”, relembra Miska.

Mulher de personalidade forte traz em seu sangue um espírito guerreiro, que se camufla em seus ex-

pressivos e marcantes olhos azuis, mas que em momento algum se conflita com sua sensibilidade e envolvimento profundo com a arte.

Miska vê na arte uma missão dada a pessoas que têm determinadas habilidades e que estas devem ser utilizadas não somente em benefícios próprios, mas principalmente em favor do próximo. E resume a arte, a música, como uma grande responsabilidade por se tratar de algo que mexe com os sentimentos das pessoas.

Edgar Mancilla, seu marido, conta que ficou extasiado com sua beleza antes mesmo de conhecê-la mas de perto e que com o tempo teve o prazer de descobrir os seus atributos culturais como o canto, a pintura e a tecelagem. “Hoje posso compartilhar de perto o que é ser um artista da terra”.

Para Edgar que também é músico e que divide o palco com Miska, já há algum tempo estar ao seu lado é poder desfrutar história, arte, cultura e beleza e mais que tudo a grande alma de uma pessoa que não tem medo de ser feliz



Coragem - Miska não contou com o apoio do pai para seguir sua alma de artista, no entanto tem uma carreira repleta de sucesso

e que se aventura na vida sem medos, sem receios, sempre por um mundo melhor.

Integrantes do grupo Trovadores do Tempo ao qual Miska, atualmente pertence e Claudinei Pecois - Produtor Executivo - TV Brasil Pantanal (TVE) e Professor de RTV - UCDB a descrevem como uma pessoa empreendedora e de muita garra e que faz de sua arte o principal instrumento de seu trabalho. “Sempre tem algo bom acontecendo ao seu redor, ou será que tudo o que ela faz é muito bom, tenho certeza que a segunda opção é a verdadeira”, afirma Pecois.

Foto: Arquivo



Mutante - A bailarina bagunceira deu lugar à cantora parceira de Marcos Mendes

QUANTA GENTE

Zé Du

Quanta gente tanta
De pioneira coragem
Que te buscou, “Terra Santa”
Com festa e dor na bagagem

Quem foi que expulsou o índio
Quem lutou com o Paraguai
Quem derrubou a mata
Quem cultivou cultivar

Quem ganhou um latifúndio
Quem veio pra trabalhar
Viú tanto trecho de Campo Grande
Grande de admirar

Quem não te viu Bonito
As águas claras de um rio
Um peixe, um tucano, uma onça
Tatu onde é que tu tá

Tanta gente, quanta
Hoje sorri no teu colo
Nem sabe da história tanta
Vivida neste teu solo

Maria Cláudia pôs o bloco na rua e encanta MS com voz singular

Pedro Martinez

Maria Cláudia, desde sempre parecia destinada a se ligar profissionalmente com a música. Nascida em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, já gostava de aparecer. Na infância, segundo ela mesma disse, aproveitou bastante. “Eu era bagunceira, falava demais em sala de aula”. Nessa época ainda dançava ballet e ouvia música, sem nem imaginar que um dia viveria daquilo como ganha pão. Até que um dia, no auge da infância, no meio de uma viagem, o pai e mãe dela comentaram algo que depois se tornaria uma realidade. “Estávamos passando de carro e no rádio tocava “Eu Quero é Botar Meu Bloco na Rua” e eu can-

tava junto. Meu pai se virou pra minha mãe e disse: Essa menina tem voz boa....Que graça, não?” - contou Maria Cláudia.

É, a família, a qual ela considerava o lastro da vida foi quem ajudou a despertar o gosto da música na menina que começou a estudar piano aos seis anos de idade e que ouvia a mãe cantar Chico Buarque, fatos que ela considera ser um bom começo para uma pessoa que queira conhecer e entender boa música.

E a música significa muito para ela. “A música é um meio de levar às pessoas, amor, paz, força, fé, esperança, reflexão”, revelou com entusiasmo.

Na adolescência, o caráter alegre e de facilidade em fazer amizade que Maria Cláudia tinha só fez confirmar que seu

destino era mesmo animar as pessoas com a música. “Uma das coisas que eu sempre admirei nela foi a dedicação e animação com as coisas que ela tinha. Principalmente com a música. Ela tinha prazer e vontade em se aperfeiçoar pela música”, disse Rosana Puga, amiga de adolescência.

No primeiro grupo que ela cantou já ganhou fãs antes mesmo de fazer sucesso. “A Maria Cláudia tem uma grande qualidade que é a capacidade de se focar totalmente à música e estudar bastante”, disse Lúcia de Freitas.

E essas qualidades não só conquistaram amigos, mas também conquistaram Marcos Mendes, o marido e parceiro musical de Maria Cláudia. “Ela tem infinitas virtudes, ela é o máximo” – avaliou.

COISAS do OLHAR

Marcos Mendes

Terra Santa, carambola,
Casa grande, amor farpado
Estrela cadente, planeta vênus,
Luz reluzente, um deles sou eu
Tinha madrugada
Havia um cantar
Seria lua cheia?

São coisas do olhar
Pé de sonho, Pega-pega,
Pirilampo, Coração de vento
Tinha madrugada
Havia um cantar
Seria lua cheia?
São coisas do olhar



Carisma

Como uma mulher de Lynch ela mantém o real distante

Coração Selvagem de Máira

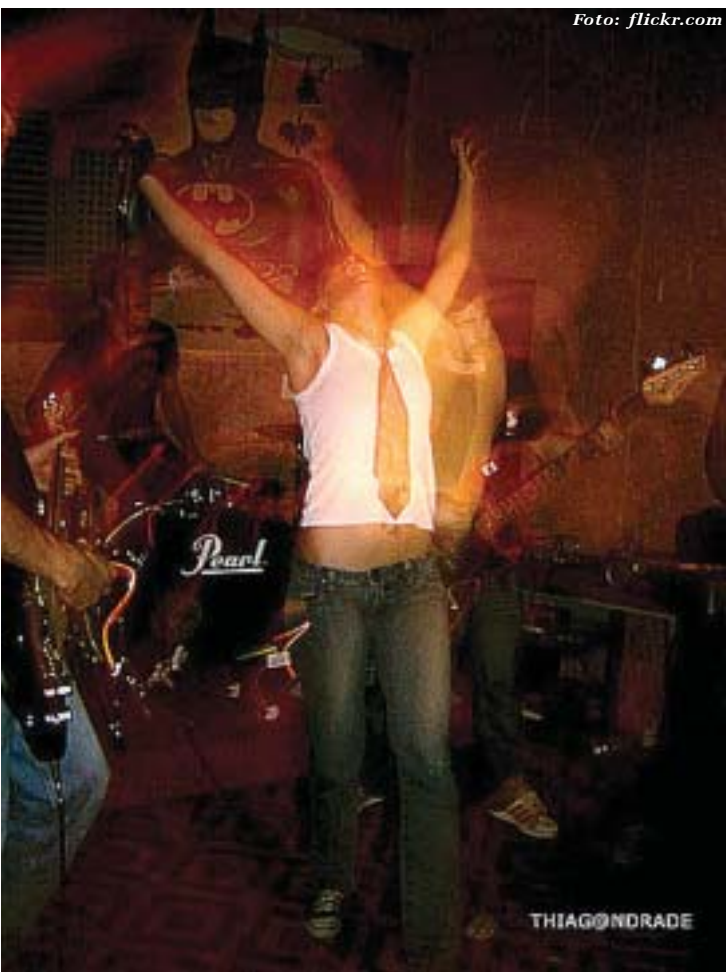


Foto: flickr.com

THIAGO@NDRADE

Única - No palco Máira hipnotiza com sua performance bomba



Foto: flickr.com

Ser - A autenticidade de Máira é uma das características admiradas pelos amigos e fãs da banda



Foto: flickr.com

El a - Com a banda Dimitri Pellz Máira encontrou parceria para mostrar seu ‘carisma que vem de berço’

Júlia de Miranda

Grita, roda, dança, solta os cabelos e contagia. Pulsante. Seu nome significa inteligência. Quando chega ela orna, pisa no palco e causa uma euforia sonora que junto com o som sinuoso dos instrumentos faz sentir uma abstração concreta da realidade. Tem presença, chega e acontece, é como dançar com fogo, agarre na mão dela e deixe-se levar. Seu nome: Máira Espíndola.

Nascida e criada em Campo Grande. Vinte e nove anos. Teve uma infância normal, não apanhou muito, sempre bem tratada. Não era de muitos amigos, mesmo assim feliz. Mestre em observar formigas, mas não as comia. Gosta de como os fatos estão marcados na memória.

Namora um sujeito com nome de nobre que é parceiro nos palcos (também dividiram um programa de rádio, o saudoso Microfonia da FM Regional), com suas baquetas que pesam como chumbo, numa batida explosiva e rítmica, como no compasso da vida a dois. Começou quando ainda nem tinham nascido, suas mães, amigas desde a gravidez. A correria do mundo moderno os afastou. Reencontro na escola, ainda crianças. Outro desencontro, e novamente aos 20 anos os dois se cruzam na faculdade, daí não mais os limites geográficos os separam.

Formada em Rádio e TV como a própria diz, “trabalho no que aparecer”, diverte-se. Algumas escolhas a levam para outras, como um ciclo sem fim. Se classifica como Designer, tem uma capacidade de transformação na vida profissional. Um bico aqui, outro ali, ela joga com o tempo a seu favor.

Como a Camaleoa de Caetano Veloso, uma mulher de Atenas de Chico Buarque, a Capitu de Machado de Assis ou Giulietta Masina de Fellini, Máira é várias em uma

só, única, de uma autenticidade invejável. “Ela é forte e feminina, autêntica, que implica na coragem de não abrir mão das coisas que gosta, eu busco ser assim”, declara a amiga, fã e jornalista Manuela Baren.

Mulher do rock, com seus vestidos curtos, botas, camisetas, visual pin-up às vezes retrô. Sedutora, assume o posto de musa da banda Dimitri Pellz. Fêmea sonhadora que dá voz e alma nesse universo de riffs, polca fronteira e muito rock n’ roll.

Uma mulher com cara de menina que odeia fazer listas, tem paixão pelo cinema e admira Quentin Tarantino. Referências: a avó e toda a família, amigos, Clint Eastwood, ritmos latinos, o vocabulário e sotaque dos gaúchos, a palavra “altivez”, clows, terapia do sono, Julio Cortázar, circo e o estudo involuntário e obcecado das histórias pessoais das outras pessoas. Gosta dos cineastas Federico Fellini e David Lynch, este último “para manter uma certa distância do que chamamos de realidade”, reflete.

No seu auto-retrato, Máira poderia ser um esboço de um

retrato de Picasso, daqueles bem raros, de uma moça olhando pela janela o horizonte, ou então uma festa colorida nas telas de Miró. Se sua vida fosse um filme seria Amacord, de Federico Fellini. Uma música, My Sweet Lord, do George Harrison, e se tivesse um gosto, seria o de vinho. Ainda alerta que essas respostas mudam de dia para dia.

“Provavelmente eu também vou morrer, conta logo a sua história”, ela canta a letra de Bandido, hit certeiro em um show da banda. Máira é tão viva, intensa com idéias que transbordam num carisma que vem de berço. Se alguma revolução está próxima, no palco do Dimitri Pellz começou faz tempo.



Tangueiro, ladino
O cavalo... as quatro arriada,
O chapéu já não cabe mais.
Bandido, villano.

Se a vida foi difícil assim,
Foi pra você, também pra mim.
Veja minhas mãos sangrando,
Meu coração partido.
Bandido, bandido, bandido.

No contra-luz lá vem ele
Queimando meus olhos pra sempre.
No contra-luz lá vem ele
Queimando meus olhos pra sempre.

Provavelmente eu também vou morrer.
Não se perca por besteira,
Manhãna dissipa el fardo, Bandido.

Conta logo tua história
Pra esse homem que diz:
Parado, bandido.
Parado, bandido.



Foto: Edilene Borges



Foto: Edilene Borges



Foto: Edilene Borges

Carreira - Zé Geral tem composições próprias e um CD pronto para ser lançado



Foto: Edilene Borges

Compromissos - O artista vive da música e dá aulas de violão para aumentar a renda

Confraternização

Ele reúne artistas em encontro semanal em sua casa

O homem que inventou o Sarau

Edilene Borges

“Eu sentei ali, não sei, mas acho que cantei umas três horas seguidas”. Esse é Jose Geraldo Ferreira, de 55 anos, cantor, conhecido como Zé Geral, uma das pessoas mais influentes na cultura sul-mato-grossense. Geral por que, segundo ele, canta de tudo.

Um homem simples, que fala muito e com convicção, deixando a impressão às vezes de saber muito mais do que diz. Com pensamento espiritual não tem medo de nada e sua religião é a natureza. Acredita que uma das coisas mais importantes da vida é a palavra. Embora ninguém em sua família seja músico, aprendeu a gostar de música ouvindo sua mãe cantar enquanto realizava os serviços domésticos, em uma época que só existia o rádio.

Nasceu em Minas Gerais e há vinte anos reside em Campo Grande. “Eu lembro assim do interiorzinho, uma fazendinha bem no meio do mato, eu gostaria de estar lá ainda”, relembra. Mudou-se com os pais para Atibaia, interior São Paulo em busca de uma vida melhor, quando tinha uns cinco anos. Lá passou o resto da infância e uma parte da adolescência. “Minha infância foi moldada de muita alegria, muitas crianças, num lugar saudoso, bonito pra caramba, pacífico. Eu nadava no rio, pegava fruta no pé, umas coisas que hoje é um luxo”, relembra emocionado.

Não gostava de estudar, no entanto, sempre gostou de leitura. Uma de suas aventuras de criança era roubar morangos em Atibaia. Era tão ativo que já quebrou quase todas as partes do corpo e cortou a língua ao meio.

Quando tinha uns sete anos, indo para a escola, passou em frente de uma loja e se encantou com um violão que estava à mostra. Pediu para os pais, mas era impossível comprá-lo, a família já estava grande e não tinha condições. A vontade de adquirir o instrumento era tão grande que a única saída seria trabalhar. A primeira tentativa foi de vender os doces caseiros que sua mãe fazia, mas a vergonha não deixou então os compadres de seus pais arrumarem um emprego para Zé no jornal “O Atibaense”, fato que mudou sua vida. Nessa época, em 1960, tinha apenas dez anos e sua função era fazer a faxina do Jornal.

Com o primeiro salário comprou o violão tão desejado e aprendeu a tocar sozinho. Como já era alfabetizado, nas horas vagas pegava o jornal para ler, muito observador, fazia exatamente como os revisores, circulava os

erros e acima escrevia a correção. Mesmo com a pouca idade foi promovido ao cargo de revisor, onde aprendeu a trabalhar com tipografia. Admite que tem um dom para escrever e os rascunhos que guarda, dão para escrever um livro, talvez esse seja o projeto de seu futuro.

Na praça em que jogava bola quando adolescente descobriu uma roda de músicos e começou a levar seu violão foi ali que aprendeu as primeiras notas. Atualmente dá aulas de violão, o que ajuda na renda mensal, e ensina seus alunos com um método próprio.

Casou pela primeira vez na Bahia, onde iniciou a faculdade de psicologia, mas não concluiu. Hoje sua filha mais velha, Sheyla, tem 34 nos e mora em Barcelona na Espanha. O filho, David é professor de inglês e tradutor em São Paulo, formado em Oxford. Casado pela segunda vez, Zé tem um filho de onze meses, José Victor. “Ele é que tá sustentando a gente, meu filho é de mais, ele é lindo, inteligente pra caramba e gosta de música”, fala com orgulho.

Zé Geral já viajou por quase todo Brasil, tem pensamentos próprios e não simpatiza muito com a política. Uma vez até jogou fora seu título de eleitor. Veio para Campo Grande trazido por uma ex-namorada e se apaixonou pela cidade. “Uma das coisas que me prendeu aqui foi a manga, aqui tem muita, eu já contei 38 tipos”. A primeira impressão, porém não foi boa, não gostou da música, já na segunda, descobriu que a cidade tinha algo que lhe chamava atenção. Aqui se profissionalizou e recebeu a carteirinha oficial de músico.

Vive desta arte e do Sarau,

um encontro de músicos que ele promove uma vez por semana na sua casa, tira a renda para o sustento da família, mas o dinheiro do mês é incerto. Apesar disso não deixa de ser feliz.

Com um CD lançado, outro gravado, sem previsão de lançamento e composições que rendem mais alguns, Zé só tem uma frustração, a de ser o que é e não ser valorizado. Não se intimida em dizer que cansou de mandar projetos para fundação de cultura, que jamais foram aprovados. Há pouco tempo foi convidado a participar do Projeto Som da Concha, convite este que partiu de uma amiga, frequentadora do sarau e membro da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, no entanto, na hora da seleção dos projetos, como em muitas outras vezes, o projeto de Zé não foi aprovado, segundo a organização por que faltou enviar recortes de jornal sobre ele, provando que era o Zé Geral.

“Eu sou muito importante para a cultura, mas não levei um recorte de jornal e fiquei excluído daquilo, eu fiquei muito bravo”, desabafa.

Contudo, não desiste de sua carreira e com esse jeito de ser conquista quem está a sua volta. É tão querido que não consegue dizer quem são seus melhores amigos, faltam dedos para nomeá-los. Um destes é Celito Espíndola que também é um dos grandes nomes da música em nosso Estado. “O Zé é uma pessoa, uma figura inteiramente relevante para o cenário cultural Sul-Mato-Grossense. Com o sarau, que resiste a muitas coisas como falta de recursos, tem gerado resultados incríveis com sua persistência. Ele é admirável”, afirma Celito.

Na terra do boi...na terra do boi...
Na terra do boi, quem me trouxe,
Se por amor, já se foi

Na terra do boi...na terra do boi...
Na terra do boi
Outra me trouxe e é você que me tem

Na terra do boi... na terra do boi...
Na terra do boi
Se quer saber, nem boi eu vi

Um dia eu vi um só
Atravessar a “Afonso pena”
Furioso atrás de um homem velho,
Me deu pena
A sorveteria, as mesas e cadeiras,
Um inferno no obelisco

NA TERRA DO BOI
Zé Geral

Marcos Yallouz é baixista do Bando do Velho Jack, sobrevive como analista de sistemas e da paixão pela música

O mais organizado dos roqueiros

Foto: www.obandodovelhojack.com.br



José Luiz Alves

Alguém que escorrega em um palco diante de seu público e se levanta em nome do rock and roll. Mais do que suas características, o baixista da banda O bando do Velho Jack, Marcos Yallouz, é uma pessoa que se define por ações e influências, como as bandas ZZ Top, Lynyrd Skynyrd e foi capaz de nomear sua filha em homenagem à canção Layla, de Eric Clapton(sua filha se chama Leila).

Nascido no Rio de Janeiro em 1968, Marcos é casado e apaixonado por sua família, pela música e é analista de sistema. Veio a Campo Grande para trabalhar e para influenciar a vida de inúmeros roqueiros da capital sul-mato-grossense.

Colega de Marcos Yallouz no início da trajetória do Bando do Velho Jack, o tecladista Gilson Rocha Júnior tem memórias do tempo em que conviveram. “Ele sempre foi o mais organizado da banda e era o cara que cuidava da agenda e do caixa do grupo”, relembra Gilson. “Uma vez a gente tocou em Bonito e o Marquinhos cortou o dedo no ventilador de teto. Mesmo assim ele tocou com o dedo enrolado com curativo”, completa o tecladista.

Amigo de Yallouz há 15 anos, o vocalista Rodrigo Tozzetti conheceu o baixista enquanto Marcos se apresentava pela banda Blues Band. “Já acompanhava as apresentações dessa banda e ia a en-

saio. Era fã e amigo do guitarrista Fábio Brum. Ele (Marcos) entrou na Blues Band pouco depois que veio do Rio de Janeiro. Íamos aos mesmos lugares, independentemente dos shows e não foi difícil fazer amizade”, explica. “Temos uma compatibilidade que vai além da música. Mesmo se não estivéssemos tocando juntos, teríamos amizade”, complementa Tozzetti.

A forte conexão entre Yallouz e o rock não o ilude. “Sou analista de sistemas e daí vem praticamente toda a minha renda. Rock’n’Roll clássico é efetivamente por amor”, diz Marcos. Ele se define como “organizado e pontual”, características que já lhe causaram problemas de convivência e ensinamentos. “Hoje já sou mais relaxado quanto a isso. Tem uma frase que uso como lema. Quando esqueço dela e falo demais, acaba algo dando errado. A frase é: Temos dois ouvidos para ouvir mais, dois olhos para ver mais e apenas uma boca para falar menos”, profere Marcos Yallouz.

PALAVRAS ERRADAS

Fábio Terra

Paradoxal - Na anarquia do mundo do rock ele se mantém adepto da disciplina e pontualidade

A voz e a guitarra do bando

Luciana Brazil

“Independente da situação pessoal, quando desço do palco, é sempre com bom astral. O show é sempre legal, muito bom”. Mesmo quando há problemas, técnicos ou pessoais, Rodrigo garante que não há nada que tire o prazer de fazer o show e ao terminar as apresentações sempre deixa o palco com uma boa energia.

Bom profissional e músico de coração, que até mesmo os fãs mais distantes percebem, Rodrigo é voz e guitarra de uma das bandas mais conhecidas do Estado, com renome nacional e internacional, Bando do Velho Jack. Descendente de italianos, Rodrigo Tozzetti, de 34 anos, me recebeu em sua casa depois do trabalho, já com um violão na mão.

Logo na entrada de sua casa pude ver uma de suas paixões, as motos. A Harley Davidson, nada silenciosa quando ligada, já levou Rodrigo para muitos lugares e inúmeras viagens, a maior delas foi para Tiradentes em Minas Gerais, onde rodou mais de 3,4 mil quilômetros.

Nascido no dia 12 de agosto em Santos, morou até os 11 anos na cidade paulista, depois se mudou com a família para Campo Grande. Os familiares voltaram para o litoral de São Paulo, mas Rodrigo continuou morando na cidade onde tem uma brilhante carreira musical.

Começou na música um pouco sem querer, com 17 anos de idade. Comprou

uma guitarra e com apenas um mês e meio de aula de violão no currículo, decidiu parar as aulas e passou então, a tirar tudo de ouvido. “Até os onze anos de idade eu ouvia o que todo mundo ouvia, mas depois de ter assistido o primeiro Rock in Rio tudo mudou”, conta ele.

Começou a tocar em uma banda chamada Saigon, mas antes de chegar ao Bando do Velho Jack, passou ainda pela banda Medarock e também tocou durante um tempo em bares. Foi caminhar durante o tempo que ficou afastado da música, um período de três anos.

Para ele, o Brasil é um país onde os formadores de opinião são minoria e estão sendo massacrados. “Aqueles que têm um teor musical baixo não são formadores de opinião, não precisam analisar, discordar, estes não formam nada. Hoje em dia quanto mais podre melhor, quando falamos em música”, afirma Rodrigo.

Ansioso, ele diz ser reservado e religioso. Espírita, ele afirma que já foi mais praticante do que hoje em dia. Com a política se envolve pouco. “Não consigo ver sinceridade. Eles falam entre linhas, não gosto disso”.

Suas influências são Paul Rodgers, Mark Farner e Steve Marriott. A relação com os fãs é a melhor possível,

Foto: Arquivo



Paulista - Tozzetti chegou a Campo Grande aos 11 anos de idade e aqui cresceu na música

Quanto tempo faz,
Já não lembro mais,
Das noite em claro que
passei,
Tentando dormir,
Pra ver se eu sonhava com
você,
Passam as horas,
Sinto medo,
O frio tomou o meu coração
por inteiro,
Agora tanto faz,
Não me importo mais,
Não me esqueci de como
eram seus beijos,

Cai a noite,
Como se fosse uma prisão,
Uma prisão pro meu co-

ração,
Sei que usei,
Palavras erradas,
Acho que elas nunca
dariam em nada,
As horas já não passam,
Mais tão rápidas como
quando eu tinha você,

Vou beber, beber até
cair
Mas que clichê da solidão,
Melhor seria então
assistir,
A um bom filme na televisão,
Quando eu abri a porta
e não vi
Você chegar, sentei ali
Esperando você voltar

vel, conta Rodrigo. “O fã de rock te vê como alguém que está propagando a ideologia dele, tudo acontece de uma forma bem respeitosa”.

Rodrigo não tem o costume de compor. “Componho quando é preciso, quando vamos gravar um CD, aí saio correndo”

Quer ter filhos, casar, mas quero que tudo aconteça naturalmente. “Não levo vida de solteiro, sou bem tranquilo. Gosto de ficar com meus amigos, com a namorada, quando estou namorando. Se não for pra levar a sério o namoro, eu prefiro nem me relacionar. Gosto de dar atenção e de receber atenção.”

Carlos Roberto Silva, o amigo e motorista da banda fala que o vocalista Rodrigo é espirituoso e brincalhão. “Ele é um pouco saudosista, gosta de rock antigo, anos 70 e 60. É um bom profissional, trabalha direito, gosta das coisas bem feitas.” Carlos conta que ele é um cara reservado. “Ele é fechado quando se trata da vida pessoal”.

O baixista da banda, Marcos Yallouz, conta que Rodrigo é um grande amigo, alguém com quem se pode contar. “Muito amigo, muito irmão, muito camarada.” Quando entrou na banda em 98, Rodrigo enfrentou muita pressão e Marcos lembra que ele foi persistente para agüentar a situação. “Quando o Rodrigo entrou na banda ele teve muita garra para continuar, pois não foi fácil substituir o Batata, faziam muitas comparações, mas ele foi persistente,” diz Marcos

“Não estouro com coisas importantes, apenas com coisas simples. Quando sei que é sério, tento pensar que se eu não mantiver a calma será bem pior. Mas se eu tropeçar em uma pedra pode ter certeza que vou chutá-la de novo”, afirma entre risos.

Carreira iniciada na adolescência

Parceria dedicada à música

Camila Cruz

Para falar de um cantor renomado do Estado é preciso primeiro relembrar suas raízes e os caminhos percorridos para chegar até aonde Luis Fernando Oliveira Sanchik, o Nando, da dupla de músicos regionais Américo e Nando, chegou. Nascido e criado no bairro Amambai, em Campo Grande, Nando conheceu seu parceiro da música e de amizade quando ainda era muito pequeno e brincava com os amigos de vizinhança, e a partir daí construiu sua história de vida com imensa humildade. Considerado o “ovelha negra da família”, Nando descobriu o seu dom para a música ainda muito jovem, quando começou a cantar no coral da es-

cola municipal onde estudava. “Não existia ninguém da minha família que tinha tido o mínimo contato com a música. No início não recebi nenhum apoio deles para seguir a carreira musical, por ser uma profissão mal vista e mal remunerada”, contou Nando. Seu parceiro e amigo Américo Yule Neto mudou-se de bairro e, por alguns anos, perderam contato. Nando então, aos 17 anos, decidiu iniciar sua carreira como músico e começou a tocar sozinho na noite campograndense. Por um acaso do destino, os amigos reencontraram-se e suas afinidades os uniram novamente. Esta união deu fruto ao reconhecimento do talento no Estado, dos amigos que completam este ano, 20 anos de carreira. Para Américo, a dupla só chegou até aqui por insistência e confiança que depositavam um no outro e pelo talento florescente dos cantores. “Uma das maiores provas de nossa amizade foi quando fomos chamados para irmos à São Paulo, pela



Dupla - Nando canta na noite de Campo Grande desde os 17 anos (acima). A parceria musical com Américo completa 20 anos (ao lado).



promessa de um produtor, e quando chegamos lá vimos que não era nada do que pensávamos. Passamos muitas dificuldades em um lugar completamente desconhecido e nossa amizade nos deu força para seguir nosso caminho. O Nando pra mim é mais que um companheiro de trabalho e um amigo, ele é um irmão”, revelou o companheiro de Nando. Um dos momentos importantes na vida de Nando foi a presença de seu único filho, João Antonio Audi de Oliveira Sanchik, com 18 anos, no palco, tocando em 2007 contra-baixo com a dupla. Pai sistemático e que gosta das coisas em seu devido lugar, Nando criou João sempre com muita dedicação e companheirismo. “Meu pai é uma pessoa que

eu posso contar em tudo na minha vida. Ele é sempre muito parceiro, faz festa comigo, me ajuda e me cobra bastante. Como moramos só eu e ele a gente se ajuda, sempre que ele acorda, seu café da manhã já está na mesa”, contou João, que além

de ser muito orgulhoso, apresenta o mesmo dom musical que o pai. Hoje ele não toca mais, pois se dedica ao trabalho e à faculdade de administração que está cursando. Nando revela que é possível sim viver da música re-

gional, principalmente quando se faz o que gosta, porém a informática e a contabilidade são também suas paixões, que completam a carreira desse grande cantor, que fez e ainda faz a história musical de Mato Grosso do Sul.

Simplicidade e serenidade marcam trabalho de Américo

Wanessa Derzi

A afinidade entre a música e o Américo iniciou nos tempos de coral na escola, quando tinha 11 anos. Nessa época deu os primeiros passos para o mundo musical e não fazia idéia de que isso faria parte de sua vida para sempre. Compôs a primeira música aos 15 anos, inspirado por uma menina que gostava. Foi até a casa de Nando, um amigo da escola. “O Nando falou que música legal, vamos tocar junto, e nessa brincadeira não paramos mais.” Profissionalmente faz 20 anos de carreira, com uma voz serena e muita simplicidade, compara o seu trabalho como

um prestador de serviços, assim como um encanador, ou um pedreiro, ou seja, um operário da música, foi a melhor denominação que encontrou para não parecer melhor que ninguém. Na adolescência Américo tinha que trabalhar de dia, e preferiu largar os estudos para poder tentar a carreira de músico. Uma banda da escola o convidou para ser o vocalista. Depois do convite Américo não dormiu à noite, estava entusiasmado, parecia realmente ter encontrado um caminho. No dia do primeiro show teve certeza de sua escolha. Quando terminou de tocar uma música, uma menina foi na direção dele e lhe deu um beijo. Após outra

música veio outra menina lhe beijar... e mais outra. Américo relembra deste momento entre muitas risadas. “Não é mentira, é sério, foi daí que tive a certeza que estava na profissão certa”, sorri. Américo junto com Nando, já tocou na festa de Barretos em São Paulo, tem CDs divulgados na Itália e Inglaterra, e possui notório reconhecimento em cidades do Sul do país. Mas no início Américo precisou ultrapassar inúmeras barreiras para continuar na música. “Teve muito mais pessoas dizendo não do que sim”, relembra o músico que foi insistente e hoje tem papel relevante na música regional de Mato Grosso do Sul.

Foto: Wanessa Derzi



Regionalismo - Com modéstia, o artista se define como um prestador de serviços, assim como qualquer outro trabalhador. Na adolescência abriu mão dos estudos para se dedicar à música